



TECENDO NEXOS ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS POLÍTICO E PEDAGOGICAMENTE COERENTES: SABERES PEDAGÓGICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Maria do Socorro Pereira de Sousa Andrade¹

O presente texto tem como objetivo refletir e explicar o significado de uma prática educativa político e pedagogicamente coerente, consoante aos conceitos e outras construções teóricas formuladas pelos estudiosos da educação sobre essa prática. Tenciona refletir, primordialmente, sobre sentidos e significados de prática educativa visando a um aprofundamento do conceito a fim de contribuir com a discussão educacional que pretende aclarar aspectos que ainda geram interrogações sobre essa prática no contexto da educação escolarizada e na formação de professores. Refletimos sobre as práticas educativas para explicar a consistência dessas práticas como aspecto inerente ao processo de formação docente capaz de possibilitar ao professor em formação o estabelecimento dos nexos entre suas diferentes concepções. Para a discussão dessas ideias abordamos ao longo do texto o significado de prática educativa proposto por Saviani (2007), Pimenta (1997,2012), Candau (2011), Foucault (1987), Gauthier (2012), Veiga-Neto (2003), Brandão (2002), Freire (1983) e Morin (2006). Por meio deste significativo aporte teórico estabelecemos os possíveis nexos entre práticas educativas como saberes pedagógicos na formação docente. Concluímos ressaltando que, embora o texto esteja voltado para a reflexão acerca da formação docente, o debate em questão deve interessar não somente ao pedagogo, mas a todos os educadores envolvidos com as práticas educativas escolares, os quais devem aceitar teorizar suas práticas e submetê-las à discussão, podendo gerar assim, uma compreensão ampla desse contexto sob diferentes olhares.

Palavras-chave: Práticas educativas, Prática pedagógica, Prática docente, Saberes pedagógicos, Formação docente.

INTRODUÇÃO

Pensando historicamente, é possível afirmar que o processo educacional tem um significado imprescindível para o desenvolvimento do ser humano, tanto no passado, como na contemporaneidade, desenvolvendo-se entre permanências e rupturas, conforme os contextos históricos. Nessa lógica, a educação traz ao ser humano avanços importantes no sentido de garantir a construção de conhecimentos que possibilitam a ele aprendizagens significativas para o enfrentamento de problemas resultantes do acelerado desenvolvimento do mundo hodierno. Isto porque atualmente somos expostos às mais variadas formas de linguagens, estímulos e ideias, ao recebermos influência dos diversos meios de comunicação e das interações sociais, dos meios externos à família e ao sistema educacional formal como as escolas e o meio acadêmico. Estes últimos responsáveis pela socialização do conhecimento, atuando na formação intelectual e moral do indivíduo como construção da cidadania.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2019.

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI - 2015 E-mail: andradesocorro753@gmail.com



Trata-se, portanto, da construção de conhecimentos que se desenvolvem nos diversificados contextos sociais, nas vivências cotidianas engendradas nas famílias, nas comunidades religiosas, nas redes sociais, na escola, dentre tantos outros contextos onde se estabelecem as relações sociais. A esses processos de construção e de socialização do conhecimento entendido de forma abrangente, podemos chamar de práticas educativas. Isto posto, concordamos com Franco (2012) para quem as práticas educativas referem-se a todas as práticas sociais que ocorrem para a concretização de processos educacionais de modo amplo.

Com esse entendimento o texto tem como objetivo refletir e explicar o significado de uma prática educativa político e pedagogicamente coerente, consoante aos conceitos e outras construções teóricas formuladas pelos estudiosos da educação sobre essa prática. Tenciona refletir, primordialmente, sobre sentidos e significados de prática educativa visando a um aprofundamento do conceito a fim de contribuir com a discussão educacional que pretende aclarar aspectos que ainda geram interrogações sobre essa prática no contexto da educação escolarizada e na formação de professores. A começar pelo próprio entendimento de prática educativa, muitas vezes confundida com práticas pedagógicas e práticas docentes, como se fossem sinônimas. São conhecimentos necessários para o processo de formação docente por se tratar de conceitos que estão diretamente relacionados com as ações que caracterizam e dão identidade a essa profissionalização, em se tratando de práticas educativas peculiares aos processos educacionais escolares, campo de atuação do professor.

Para essa reflexão é fundamental ter em mente que a educação escolar não é a única instituição e nem o espaço mais significativo para o desenvolvimento do processo educativo. Ao mesmo tempo, é mister percebermos que a sociedade parece ainda depositar na escola as suas maiores esperanças no que concerne à formação dos indivíduos. Nesse sentido, pensando no contexto educacional brasileiro ao longo da sua história, é conveniente perguntar: Que tipo de escola nós temos? Que tipo de escola queremos? Quem são os alunos dessas escolas? Quem são os seus professores? Como se estabelecem as relações entre os sujeitos envolvidos na educação escolar, especialmente entre professor – aluno? Quais problemas externos atingem diretamente a educação escolar? Quais práticas são desenvolvidas na escola para que ela assegure à sociedade a formação dos indivíduos conforme sua finalidade educativa? O que a sociedade tem feito para colaborar com a escola para que ela possa garantir essa formação? Que formação recebem os seus docentes para assegurar a formação escolar idealizada?

Essas questões são apenas algumas das indagações que consideramos indispensáveis para problematizar uma discussão que se comprometa em refletir acerca de uma educação escolar brasileira político e pedagogicamente coerente. No entanto, o nosso esforço está



direcionado para a reflexão de um desses aspectos que nos parece diretamente relacionado com todas as outras indagações relativas a essa forma de educação. Refletimos sobre as práticas educativas que se desenvolvem na escola procurando entender os seus sentidos e significados para explicar a consistência dessas práticas como aspecto inerente ao processo de formação docente capaz de possibilitar ao professor em formação o estabelecimento dos nexos entre as diferentes concepções de práticas educativas.

Seguindo esse pensamento, o texto está estruturado em quatro seções que visam discutir esses nexos a partir de uma abordagem educacional. Na primeira seção a discussão envolve o debate em torno de ideias da prática educativa como produção-fazer sócio-cultural na perspectiva da formação docente; na segunda parte estabelece nexos entre prática educativa, multiculturalismo, direitos humanos e educação e a temática da diversidade como vantagem pedagógica e ao mesmo tempo como grande desafio da atualidade; discurso ampliado na terceira seção ao abordarmos as práticas pedagógica e docente como práticas educativas reflexivas e, finalmente, na quarta seção arrematamos as discussões com os sentidos e significados da prática educativa como necessidade na produção de aprendizagens no processo de formação docente.

Para discutir os sentidos e significados produzidos para a prática educativa, considerando-se os diferentes momentos históricos das organizações humanas, abordamos ao longo do texto o significado de prática educativa proposto por Saviani (2007), Pimenta (1997,2012), Candau (2011), Foucault (1987), Gauthier (2012), Veiga-Neto (2003), Brandão (2002), Freire (1983) e Morin (2006). Por meio deste significativo aporte teórico estabelecer os possíveis nexos entre práticas educativas como saberes pedagógicos na formação docente.

Caracterizamos as dimensões éticas e políticas, as realidades culturais e as propostas de prática educativa elaboradas pelos autores em pauta, além de problematizarmos o sentido e significação da prática educativa construídos nos processos de formação docente. Como produto desse processo reflexivo, o texto veicula conhecimento científico capaz de expandir o campo teórico de compreensão da prática educativa como produção-fazer sócio-cultural, constituindo-se assim em fundamento para aprimorar esse processo formativo.

A prática educativa como produção-fazer sócio-cultural na perspectiva da formação docente.

As reflexões propostas neste texto exigem a compreensão de aspectos da prática educativa considerando-se os diferentes momentos históricos das organizações humanas. Isto porque, segundo Saviani (2007), é necessário conhecer a natureza humana para compreender a

natureza da educação, visto que essa não se reduz ao ensino escolar. Isso requer a compreensão das relações que se estabelecem entre aspectos intrincados nas práticas educativas como os aspectos sócio-culturais das sociedades, onde os saberes populares e os saberes científicos geram epistemologias, atitudes, comportamentos, discursos, sentidos e significados para essas práticas. Assim, é essencial perceber que a natureza humana não pode estar desvinculada da natureza terrena.

Desenvolvendo-se uma cosmovisão, percebemos que a natureza humana está reciprocamente envolvida e fundada por fenômenos naturais, sociais, culturais, políticos, econômicos, dentre outros fenômenos que perpassam a vida do indivíduo enquanto este se constitui como ser. A partir dessa dimensão abordamos a prática educativa na perspectiva que privilegia os aspectos referentes às relações entre “educação e cultura”. Para isso enfocamos o conceito de prática educativa na perspectiva sociológica e antropológica relativo à multiplicidade.

Nesse contexto discursivo a “prática educativa” apresenta-se como modos de existir plurais, ou seja, evidencia-se que a educação é permeada por culturas. Para isso Veiga-Neto (2003, p.1), ao ressaltar esse aspecto da multiplicidade da prática educativa, defende que esta prática se apresenta relacionada à cultura e a educação ao mesmo tempo. Para o autor o binômio em foco possui “[...] mais de mil e uma faces, com as suas infinitas possibilidades”. (VEIGA NETO, 2003, p.1). Ele ressalta que a cada dia as diferenças culturais tornam-se cada vez mais visíveis, além disso, têm sido frequentes e fortes os embates sobre a diferença e entre os diferentes, sobre a opressão de alguns sobre os outros pela exploração econômica e material, sobre “[...] as práticas de dominação e imposição de valores, significados e sistemas simbólicos de um grupo sobre os demais”. (VEIGA NETO, 2003, p.1).

O autor critica o caráter universalista e homogêneo de pensar a cultura quanto à gênese desse conceito, no momento em que se aceitava, de um modo geral e sem maiores questionamentos, que cultura designava o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor. E nesse sentido a educação seria o caminho para o alcance das formas mais elevadas da Cultura, “[...] tendo por modelo as conquistas já realizadas pelos grupos sociais mais educados e, por isso, mais cultos.” (VEIGA NETO, 2003, p.1). Segundo o autor, uma parcela significativa do pensamento pedagógico moderno alimentou-se e alimentou ao mesmo tempo esse entendimento de Cultura.

Nessa perspectiva os estudos genealógicos de Foucault (1987) têm sido tomados como a principal referência para pesquisas em Educação a partir da publicação de “Vigiar e Punir” (FOUCAULT, 1987). Obra que revela o interesse do autor em compreender como, na

Modernidade, nos tornamos sujeitos no interior das relações de poder, resultando daí “[...] inúmeros estudos históricos, sociológicos e pedagógicos sobre a educação e a escola na Modernidade e na Contemporaneidade”. (VEIGA-NETO E SARAIVA, 2011, p.6). Entendemos que a contribuição de Foucault (1987) para o entendimento da prática educativa na perspectiva em foco está relacionada ao objetivo dele em mostrar “uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (VEIGA-NETO E SARAIVA, 2011, p.8). É necessário que as práticas educativas, de uma forma geral, sejam mobilizadas para a valorização da multiplicidade dos sujeitos, da diversidade cultural, evitando-se pensar o mundo por meio de generalizações.

Carlos Rodrigues Brandão (2002), a partir da obra “A educação como cultura”, complementa a discussão ao preconizar que na singularidade humana e na relação dialética entre ser criador da cultura e ser (re) criado por ela, destacam-se quatro elementos: a cultura como criação humana; a educação como especificidade humana que se realiza na cultura; o aprender e a “pluralidade” da cultura, resultante da práxis humana que faz com que existam culturas ao invés de uma única cultura.

Em Jacques Gauthier (2012) propugna-se a urgência da proclamação da igualdade dos saberes indígenas, afro e eurodescendentes, bem como, dos saberes da Terra, exigindo-se a criação de uma epistemologia da vacuidade, um vazio criador que permita o surgimento da transculturalidade como prática, onde ciência e espiritualidade se encontrem e se fecundem mutuamente. A transculturalidade pensada como união entre saber e sabedoria, conceito e ancestralidade, trilhando o projeto de uma ciência espiritualizada.

Considerando esse debate profícuo e realmente significativo para o contexto de formação docente, culminamos com Edgar Morin (2006) e o conceito de “complexidade”. Isto, tendo em vista pensar o conceito de culturas para além do pensamento binário, no sentido de produzir coletivamente com o corpo todo, sem a separação dele de seus componentes sensitivos e assim gerar possibilidades de superação do pensamento binário que fragmenta os saberes.

Estas são questões que devem ser colocadas como problematizações para se pensar a multiplicidade aqui enfocada e apontar caminhos que agucem a percepção sobre a mesma. Com isso, abrir espaços para que a educação aconteça a partir da realização de práticas que levem à percepção da complexidade dos fenômenos educacionais, das relações entre os diferentes sujeitos e objetos de aprendizagem na produção do conhecimento.

Aprender a educar dessa forma exige que nos desarmemos para que haja a possibilidade de nos abirmos ao novo, para a possibilidade de aprender com os outros. A prática educativa é nesse sentido, a prática de criar um campo entre as disciplinas onde perpassam subjetividades

e coletividades, saberes e saberes fazeres. Em tal processo aprende-se que a experiência de um novo olhar leva à descoberta de que a aprendizagem que resulta de práticas educativas que valorizam a multiplicidade dos seres é uma aprendizagem que transforma aquele que aprende, mas também aquele que ensina, dando-lhes condições de aprender a ver além do visível, proporcionando assim, o prazer de sentir-se humano. Visão que remete à necessidade do entendimento dos nexos que entrelaçam as diversificadas práticas educativas.

A prática educativa: nexos entre multiculturalismo, direitos humanos e educação

Nessa perspectiva de análise da prática educativa partimos das ideias de Candau (2011) ao preconizar que, no âmbito da educação, quando se trata da necessidade de visibilizar questões educacionais relacionadas à prática educativa na dimensão do multiculturalismo e dos direitos humanos, é indispensável reconhecer as *diferenças* que são explicitadas cada vez com maior força desafiando “[...] visões e práticas profundamente arraigadas no cotidiano escolar”. (CANDAU, 2011, p.240). Para essa autora, a “[...] cultura escolar dominante em nossas instituições educativas prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo.” (CANDAU, 2011, p.240). Ideia que perpassa as problematizações acerca das diversas e distintas concepções de *diferença* presentes nas práticas pedagógicas e nas práticas docentes que deveriam se desenvolver como práticas educativas politicamente coerentes. Reflexões que nos levam a perceber e a entender, juntamente com Candau (2011) que “as diferenças são constitutivas, intrínsecas às práticas educativas e atualmente é cada vez mais urgente reconhecê-las e valorizá-las na dinâmica de nossas escolas”. (CANDAU, 2011, p.240).

Pensando nisso, sabemos que a discussão acerca das diferenças nas práticas educativas deve envolver o tema diversidade, porém, percebemos que, muitas vezes, a abordagem do tema “diversidade” é vista como algo externo, desconhecendo-se que ela é intrínseca às práticas educativas. Por isso, ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagens mais significativos e produtivos para todos os alunos e alunas. Assim, Candau (2011) apresenta Ferreiro (2001) que defende a ideia de instrumentalizar as escolas a fim de prever didaticamente a abordagem da diversidade, já que, historicamente, diante do objetivo de homogeneizar e igualar, a escola, no passado, e de certa forma ainda no presente, mal pode apreciar as diferenças, lutando não “[...] somente contra as diferenças de língua, mas também contra as diferenças dialetais da linguagem oral, contribuindo assim para gerar o mito de um único dialeto padrão para ter acesso à língua escrita”. (FERREIRO apud Lerner, 2007, p.7). Para a autora citada é preciso transformar a diversidade fazendo-a “[...]”

conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica como o grande desafio do futuro”. (FERREIRO apud Lerner, 2007, p.7)²

Os enfoques conceituais de prática educativa nas perspectivas sociológica e antropológica relativo à multiplicidade e à diversidade são apenas algumas dentre as perspectivas importantes para o entendimento do sentido amplo desse conceito. Diante disso, a reflexão amplia-se para conceitos próprios da formação de professores como os conceitos de prática pedagógica e prática docente no contexto das práticas educativas.

A prática pedagógica e a prática docente como práticas educativas reflexivas

O enfoque em discussão nesta sessão procura estabelecer as diferenças entre prática educativa, prática pedagógica e prática docente partindo da questão a respeito das “práticas” quando a ênfase recai no “fazer”, ignorando-se a ação reflexiva da experiência docente. Uma questão que merece atenção e reflexão, pois quando se fala em prática, realmente lembramos primeiro do fazer, da prática de repassar informações e instruções. Torna-se importante então, perguntar como tornar essa prática uma ação reflexiva, para além do pragmático. Essa é uma discussão que vem tomando corpo no ambiente pedagógico, mas que, embora tenha alcançado os bancos da academia, ainda é muito difícil ver tal prática sendo efetivada no contexto da ação no espaço escolar.

Nesse sentido referenciamos a temática da prática reflexiva na perspectiva da práxis a partir de Veiga (2007) que relaciona a prática pedagógica repetitiva e a prática pedagógica reflexiva. Segundo essa autora a prática pedagógica pode se constituir em atividade prática, numa visão utilitarista, ativista e espontaneísta, ou em uma práxis guiada por intenções conscientes. Dessa forma, teremos de um lado, uma prática pedagógica repetitiva e, de outro, a prática pedagógica reflexiva. Em nosso entendimento, tratam-se, na verdade, de práticas docentes, se estas se desenvolverem como ações dos professores no processo ensino-aprendizagem. Como prática reflexiva está ligada ao saber fazer e ao saber ser na perspectiva da problematização ligada a esse contexto.

Uma indagação pertinente acerca dessa discussão enseja problematizar essa perspectiva logo no início das atividades práticas na formação do professor quando este se inicia no curso

² Tanto Gimeno Sacristán quanto Emilia Ferreiro não distinguem diversidade e diferença utilizando estes termos como sinônimos. Referindo-se ao termo diversidade. Gimeno Sacristán (2001) distingue dez possíveis sentidos e afirma: “Dentro da pletora de significados que tem a diversidade, de acordo com o contexto discursivo e prático em que esta palavra se insere, na afirmação de sua necessidade se entrelaçam aspirações, críticas e propostas dos mais variados signos, que representam tendências ou derivações de perspectivas políticas, culturais e educativas variadas” (p.129). (CANDAUI, 2011, p. 253-254)

de formação docente, pelo fato deste não se envolver imediatamente com a prática. Daí essa questão remete à importância da concepção de estágio como forma de favorecer a unidade teoria/prática. Nesse sentido defendemos a ideia de que a reflexão da prática docente não deve se limitar ao estágio, mas, sobretudo, que seja valorizada em todas as disciplinas do currículo dos cursos de formação de professores possibilitando assim a vivência da mesma.

Para a reflexão da prática docente nesse processo formativo, a literatura pedagógica resalta aspectos importantes, comuns e distintivos, comparando-se que toda prática pedagógica e docente são também práticas educativas, mas nem toda prática educativa pode ser considerada prática docente ou prática pedagógica. Com isso destacamos a especificidade da prática docente como sendo o ensinar como prática educativa. Por sua vez, essa literatura assevera que a prática pedagógica não é necessariamente uma prática docente, mas é também uma ação sistemática com função educativa. O pedagógico, portanto, está ligado ao que é educativo no processo formativo, seja ele escolar ou profissional.

Como fundamento para essa questão, apresentamos o pensamento de Franco (2012) ao discutir tal problemática a partir de caracterizações que nos permitem conhecer algumas singularidades que diferenciam cada uma dessas práticas. Segundo a autora, a prática educativa ocorre para a concretização de processos educacionais desenvolvidos dentro ou fora das escolas. A prática pedagógica envolve práticas sociais exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos que se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas por determinada comunidade social.

Já a prática docente é aquela que é exercida pelos professores em práticas de ensino-aprendizagem. Deve fazer parte da natureza dela, segundo Paulo Freire (1997, p. 32), a indagação, a busca, a pesquisa, a necessidade de formação permanente, para que, como professor, este “[...] se perceba e se assuma, porque professor, porque pesquisador.” Dessa forma, tal perspectiva requer formação docente que possibilite e reforce essa concepção desde o início da graduação, em todas as situações de aprendizagem da docência.

Arrematamos as reflexões até aqui sistematizadas sugerindo também a necessidade de reflexão acerca da noção de prática educativa que assumimos para buscar problematizar se esta prática envolve o nosso interesse pessoal, enquanto educadores, professores ou pedagogos, ou se ela é resultado do contexto político-educacional. Enfim, entender de onde parte esse interesse, se direcionamos essa responsabilidade, que é social, para as autoridades administrativas. São reflexões importantes, pois geralmente, como professores, costumamos incumbir regras para “os outros” e nos esquecemos de refletir e assumir as nossas próprias responsabilidades. Estas são, sobretudo, questões éticas, problemáticas que deverão ser

resolvidas com base no princípio da alteridade e do reconhecimento da nossa função docente. Nesse sentido, as discussões voltam-se para o desenvolvimento de práticas educativas baseadas no “respeito” ao “outro,” voltam-se para a “ética” como princípio do ser humano. De tal forma, reflexões como essas podem ser capazes de gerar aprendizagens essenciais à produção de sentidos e significados da prática docente como prática educativa, temática que abordamos a seguir.

Sentidos e Significados de Prática Educativa: produzindo aprendizagens na formação docente

Enfim, discutir os sentidos e significados históricos de prática educativa contribui para a construção de novas aprendizagens e para a discussão teórico-metodológica de trabalhos que visem a compreensão dessa prática. Nesse sentido possibilita entender a relação entre a prática educativa e os outros fatores relacionados à educação. Dentre esses fatores o debate sobre a formação docente nas suas variadas conotações: formação inicial ou continuada; como preparação, treinamento, educação ou aprendizado; considerando experiências anteriores, marcantes, educacionais ou profissionais, além de outros aspectos inseridos na abrangência desse tipo de formação.

Trata-se de um debate oportuno porque, em geral, não pensamos na ideia de uma cosmovisão acerca de uma tendência epistemológica e esquecemos que formação envolve experiências vivenciadas pelas pessoas que estão nesse processo formativo. A academia deve reconhecer que a “vida vivida” ensina muito mais do que o conteúdo que está nos livros, sem desconsiderar a fundamental importância desses instrumentos de ensino-aprendizagem. Além disso, há necessidade de problematizar aspectos que interferem na qualidade da formação docente como a tendência da escola em homogeneizar os processos formativos, bem como a valorização da quantidade do tempo e não da qualidade da mesma. Essa qualidade deve considerar aprendizagens que partam daqueles que sentem a necessidade de aprender e não de quem observa essa necessidade, como é de costume em nosso sistema educacional, onde o currículo escolar é determinado por agentes externos à escola.

Por isso é indispensável reconhecer, no âmbito dos processos formativos, qual é a concepção de formação que orienta esse trabalho. Na perspectiva da educação, que transformações esse processo deseja realizar; de acordo com quem e para quem transformar. Nesse sentido, enfatizamos a cosmovisão necessária para a compreensão da complexidade que envolve esse processo de formação docente porque, desse processo sairá uma pessoa com



competências, dúvidas, medos, identidades e interesses. Aspectos que devem ser problematizados porque envolvem a dimensão humana do ser, particularidade importante da formação subjetiva, sem a qual fica impossibilitado o reconhecimento das identidades de quem ensina e de quem aprende. Entendemos que ninguém ensina aquilo que não é capaz de reconhecer em si mesmo e no outro, a partir daquilo que acredita como relevante para ensinar e aprender.

A prática educativa será um encontro, ou um desencontro, entre o ensinar e o saber, dependendo das relações que se desenvolvem por meio dessa prática. Relações que devem provocar mudanças que somente serão realizadas a partir das nossas próprias transformações, porque geralmente ensinamos o que nós somos.

Práticas educativas em processos de formação docente devem valorizar situações didáticas que levem professores em formação, inicial ou continuada, a refletirem sobre suas concepções sobre educação, práticas educativas, direitos humanos, ética, diferenças culturais, cotidiano escolar, gênero, sexualidade, dentre outras temáticas. Enfim, levar esses professores a refletirem sobre aspectos que enfoquem objetivos educacionais voltados para a produção de uma escola mais humanizada e mais humanizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer nexos entre práticas educativas, por meio de uma abordagem político e pedagogicamente coerente, significa para nós a busca de articulações entre os saberes que foram produzidos sobre a educação e sobre as práticas educativas, no intuito de atender ao objetivo de refletir sobre as práticas pedagógicas e docentes que se desenvolvem na escola procurando entender os seus sentidos e significados para assim explicar a consistência de uma prática educativa nessa perspectiva.

Discutimos os nexos entre diferentes concepções de práticas educativas por meio de um debate em torno de ideias que remetem à possibilidade de efetivação de práticas educativas político e pedagogicamente coerentes, destacando essas práticas na perspectiva da multiplicidade e da diversidade; além dos aspectos distintivos entre a prática pedagógica e a prática docente como práticas educativas. Refletimos acerca dos sentidos e significados de prática educativa, demonstrando a necessidade de, no processo de formação pedagógica e docente, estabelecer nexos entre prática educativa, multiculturalismo, direitos humanos e educação.



A reflexão que se desenvolveu por meio das problematizações geradas nesse texto pode contribuir ponto de partida para outras problematizações que ainda devem ser geradas, visto que há muito o que responder acerca das questões colocadas na introdução do texto. Questões relativas ao contexto educacional brasileiro, onde a sociedade deposita na escola as suas maiores esperanças no que concerne à formação dos indivíduos. Nesse sentido há que se responder sobre que tipo de escola temos; que tipo de escola queremos; quem são os alunos dessas escolas; quem são os seus professores; como se estabelecem as relações entre os sujeitos envolvidos na educação escolar, especialmente entre professor – aluno; quais problemas externos atingem diretamente a educação escolar; quais práticas são desenvolvidas na escola para que ela assegure à sociedade a formação dos indivíduos como ela espera que aconteça; o que a sociedade tem feito para colaborar com a escola para que ela possa garantir essa formação; que formação recebem os seus docentes para assegurar a formação escolar idealizada e quiçá, para assegurar uma formação humanizada e humanizante.

O texto pretende exaltar a importância da teorização de práticas educativas significativas para serem discutidas em contexto de formação pedagógica. Atividade que possibilita o aprimoramento da prática pedagógica de professores formadores de formadores comprometidos com a produção de práticas educativas político e pedagogicamente coerentes. Submetê-la à discussão significou, portanto, nos reconhecermos como docentes e com isso a consciência da necessidade dos saberes pedagógicos para o desenvolvimento de uma prática docente responsável e comprometida com as práticas educativas escolares e acadêmicas na produção de aprendizagens significativas nesses contextos educacionais.

Concluimos ressaltando que, embora o texto esteja voltado para a reflexão acerca da formação docente, o debate em questão deve interessar não somente ao pedagogo, mas a todos os educadores envolvidos com as práticas educativas escolares, os quais devem aceitar teorizar suas práticas e submetê-las à discussão, podendo gerar assim, uma compreensão ampla desse contexto sob diferentes olhares.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. . **A educação como cultura**. Ed. rev. e amp. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

CALDEIRA , A. M. S.; ZAIDAN S. Práxis pedagógica: um desafio cotidiano. **Paideia** – revista do curso de pedagogia Universidade FUMEC. Ano X, nº 14, 2013.

CANDAU, V. M. F. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, nº 12, pp.240-255, Jul/Dez 2011. Disponível em



<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articulos/candau.pdf>.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, M. A. R. Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

GAUTHIER J. **O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba: CRV; 2012.

HOUSSAYE, J. et. al. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOURO, G. L.. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina; 2006

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. do S. L. **Estágio e Docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Deste livro, usaremos a 1ª parte: O estágio como campo de conhecimento, p. 27-92).

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

VEIGA, I. P. A. **A prática pedagógica do professor de didática**. 11ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2007

VEIGA-NETO, A. **Cultura, culturas e educação**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23.